

ULISSES OU MITO E ESCLARECIMENTO: QUESTÕES DE GÊNERO NA DIALÉTICA DO ESCLARECIMENTO E ODISSEIA

RAÍSSA TEIXEIRA ALMEIDA DE SOUZA¹

RESUMO: O presente trabalho busca analisar o papel do feminino na Odisseia de Homero através da leitura feita por Adorno e Horkheimer na *Dialética do Esclarecimento*. Os autores tratam a epopeia homérica como alegoria da construção da civilização ocidental e como testemunho da dialética do esclarecimento, compreendendo que a trajetória de Ulisses, a partir do apoderamento e da organização dos mitos, representa o processo de formação da Razão, tornando-se instrumental, ordenadora e dominadora do não-idêntico. Neste desenvolvimento da organização racional para a formação do sujeito, o feminino torna-se o não-idêntico, de forma a ser dominado pela razão, e portanto, esta já é patriarcal em seu princípio. O resultado dessa razão ordenadora e instrumental é a coisificação do outro, consolidando socialmente a dominação, o medo e a dinâmica do poder como partes fundamentais da razão. O feminino, como sedução e ameaça ao caminho da racionalidade, deve ser dominado, apartado da estrutura de formação da consciência de si. A representação feminina na Odisseia se dá majoritariamente por mulheres submissas e deusas que tentam desviar Ulisses de seu caminho, este se realizando como indivíduo por se alienar das relações sociais para se tornar sujeito de si, se relacionando com os demais sempre de forma instrumental e coisificada. Isto posto, a presente pesquisa visa, a partir da leitura de Adorno e Horkheimer, compreender a negação do feminino no princípio da racionalidade ocidental e sua influência nas relações de gênero nos dias atuais.

PALAVRAS-CHAVE: Gênero; Feminino; Dialética do Esclarecimento; Odisseia.

Introdução

A partir da leitura do “Excurso I: Ulisses ou Mito e Esclarecimento”, segundo fragmento do livro *Dialética do Esclarecimento* (doravante *DE*), de autoria de Theodor Adorno e Max Horkheimer nos anos de 1940, tive interesse em ler a *Odisseia* de Homero. Propondo-se a pensarem filosoficamente a realidade em que viviam, refugiados nos Estados Unidos na era de ouro do capitalismo, fugidos da Alemanha nazista, buscam analisar o conceito de Esclarecimento e demonstram que a tão aclamada autonomia do pensamento formulada por Kant no século XVIII tinha culminado em uma lógica de dominação e instrumentalização do próprio pensamento e das pessoas. De acordo com Barbara Freitag,

¹ Mestre pelo programa de pós-graduação em Filosofia da UFF. E-mail: raissateixeira@iduff.br / rah.teixeira@gmail.com. Link para o currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4863309783507614>.

A *Dialética do Esclarecimento* descreve uma *dialética da razão* que em sua trajetória, originalmente concebida como processo emancipatório que conduziria à autonomia e à autodeterminação, se transforma em seu contrário: em um crescente processo de instrumentalização para a dominação e repressão do homem. Em seu célebre artigo “*Was ist Aufklaerung?*” (O que é o esclarecimento?), Kant tinha visto na razão o instrumento de liberação do homem para que alcançasse através dela sua autonomia e *Muendigkeit* (maioridade). Defendia a necessidade de os homens assumirem com coragem e competência o seu próprio destino: reconhecendo que este não era ditado por forças externas (deuses, mitos, leis da natureza) nem por um *karma* interior. Ao contrário, os homens deveriam fazer uso da razão para tomarem em mãos sua própria história. Mas essa convicção partilhada por todos os iluministas revelava-se ilusória.²

Os autores, então, começam a explicar como eles entendem o conceito de esclarecimento, observando a capacidade do capitalismo – e, podemos hoje dizer também, do patriarcado – de dominarem a razão para seguir sua expansão. Eles dizem que “No sentido mais amplo do progresso do pensamento, o esclarecimento tem perseguido sempre o objetivo de livrar os homens do medo e de investi-los na posição de senhores. Mas a terra totalmente esclarecida resplandece sob o signo de uma calamidade triunfal.”³. Essa calamidade triunfal é o reflexo do momento histórico em que os autores estavam vivendo, uma guerra mundial que exterminou milhões de pessoas e que demonstrava o auge do capitalismo e desse esclarecimento ordenador e dominador.

Discorrendo sobre esse processo de desenvolvimento da razão ocidental, Adorno e Horkheimer, no Excursus I da *DE* buscam explicar, através da *Odisseia*, o processo de construção da civilização ocidental, utilizando a obra homérica como alegoria. É nesses termos, portanto, que a trajetória de Ulisses após o fim da Guerra de Tróia de volta à Ítaca, sua terra pátria, demonstraria a constituição do sujeito racional. Os desafios, encontros e tentações que atravessam o caminho do herói estão diretamente ligados ao processo de desenvolvimento do Eu que, no caminho sinuoso percorrido em sua viagem de retorno, já demonstra a dominação

² Freitag, 1988, p. 34.

³ Adorno; Horkheimer, 2006, p. 46.

e a instrumentalização do Eu e do Outro como elementos fundamentais para a autoconservação e a construção da racionalidade ocidental.

1. Ulisses: o sujeito racional protoburguês

Segundo Adorno e Horkheimer, o desenvolvimento da racionalidade ocidental deve ser analisado não através do racionalismo do século XVII, mas sim da *Odisseia*, obra escrita em torno do século VIII antes da Era Comum. Os autores reconhecem que o Esclarecimento se constrói em um alicerce de dominação e controle, na alienação do Eu e do Outro e na transformação deste Outro em mero instrumento, meio para que o Eu, concebido como senhor dos demais, triunfe. Desta forma, A. e H. entendem que o burguês do século XX já é visível em Ulisses, rei de Ítaca, que controla seus companheiros no barco, que remam para que cheguem à ilha, e que controla e domina as criaturas que encontra pelo caminho. Por isso, o conceito de sujeito protoburguês refletiria o comportamento dominador e instrumentalizador do herói.

Através de Marx, Freud e Nietzsche, os filósofos observam esse processo de alienação e dominação para que o Eu se desenvolva, pois há uma necessidade de controle sobre si e sobre o Outro para se autoconservar e desenvolver a razão. Ou seja, no princípio da racionalidade ocidental já faz parte o domínio e o controle. O pensamento ordenador e instrumental está no cerne do processo civilizatório do Ocidente.

Neste sentido, a *Odisseia* daria o testemunho da dialética do esclarecimento e é por esta razão que A. e H. utilizar-se-ão de alguns episódios da epopeia para ilustrar seus argumentos. O episódio das Sereias é fundamental para os autores. Neste episódio, Ulisses, a partir da recomendação de Circe, é amarrado no mastro de seu navio por seus companheiros, que têm os ouvidos tapados com cera para não se entregarem ao canto das criaturas. Essa amarração de Ulisses demonstra a utilização da técnica para não sucumbir à tentação, à entrega à pulsão e ao desejo do princípio do prazer.

Ou seja, a terra totalmente esclarecida não permite que o sujeito se entregue à sedução, a técnica então serve não para o alcance da felicidade humana, mas para o domínio de si, do outro e da natureza. Segundo Rodrigo Duarte:

Adorno e Horkheimer apontam que nisso reside um aspecto essencialmente repressivo do esclarecimento, pois “só é suficientemente duro para romper os mitos o pensamento que pratica violência contra si mesmo”, e o caminho para a consolidação do poder sobre a natureza se caracteriza por uma desistência, por parte do gênero humano, de buscar um sentido para sua vida. O mundo se torna um campo de exploração sistemática a partir de um entendimento que se restringe cada vez mais, buscando sempre a redução da multiplicidade das coisas à unidade do pensamento.⁴

Esse processo de dominação e instrumentalização exige a construção de uma identidade que nega a multiplicidade, de forma que, para o desenvolvimento da racionalidade, há a necessidade da negação de outras possibilidades que não sejam a razão tal como exposta na trajetória de Ulisses. Esse domínio refletido na natureza e utilizado também nas relações humanas coisifica tais relações e estabelece uma lógica mercadológica entre a humanidade e da humanidade com a natureza, como mera troca mercantil, danificando as relações sociais e com a natureza, transformando-as em meros instrumentos, em meios para o fim que é a dominação. Como Freitag diz:

[...] a razão, sujeito abstrato da história individual e coletiva do homem em Kant e Hegel, converte-se, na leitura de Horkheimer e Adorno, em uma razão alienada que se desviou do seu objetivo emancipatório original, transformando-se em seu contrário: a razão instrumental, o controle totalitário da natureza e a dominação incondicional dos homens. A essência da dialética do esclarecimento consiste em mostrar como a razão abrangente e humanística, posta a serviço da liberdade e emancipação dos homens, se atrofiou, resultando na razão instrumental.⁵

A partir dessa leitura da razão como instrumento de dominação, faço uma leitura da *DE* e da *Odisseia* através da perspectiva de gênero, compreendendo que a dominação masculina se dá em conjunto ao processo de construção da razão

⁴ Duarte, 2002, p. 20.

⁵ Freitag, 1988, p. 35.

ocidental. Portanto, na próxima seção do presente trabalho discorro diretamente sobre este tema.

2. Perspectiva de gênero no Excurso I

No processo de construção do Eu, Ulisses demonstra um caráter dominador e instrumentalizador ao encontrar as criaturas em seu caminho, e é possível observar que muitas dessas criaturas são seres representados por figuras femininas, como Calipso, as Sereias, e Circe.⁶ O herói, então, representa a dominação masculina sobre essas figuras, demonstrando um caráter patriarcal, que de acordo com os autores é a opressão dos mais fortes sobre os mais fracos, representada pelo poder dos homens, e que pode ser vista na *Odisseia* nas figuras de Ulisses e Zeus. Segundo Adorno e Horkheimer:

[...] o saber em que consiste sua identidade e que lhe possibilita sobreviver tira sua substância da experiência de tudo aquilo que é múltiplo, que desvia, que dissolve, e o sobrevivente sábio é ao mesmo tempo aquele que se expõe mais audaciosamente à ameaça da morte, na qual se torna duro e forte para a vida. Eis aí o segredo do processo entre a epopéia e o mito: o eu não constitui o oposto rígido da aventura, mas só vem a se formar em sua rigidez através dessa oposição, unidade que é tão-somente na multiplicidade de tudo aquilo que é negado por essa unidade.⁷

As criaturas femininas que o errante Ulisses encontra por seu caminho são sedução pelas quais ele deve se controlar para não sucumbir e para que seus poderes virem instrumentos para alcançar o objetivo de voltar à Ítaca. Tais figuras representam essa multiplicidade que deve ser banida, pois apenas na identidade

⁶ Calipso aparece no Canto V da *Odisseia*, ninfa que vive em uma ilha no Mar Egeu e que mantém Ulisses por um ano em sua companhia, oferecendo ao herói vida eterna e amor, porém este deseja a volta para casa e para sua esposa, Hermes surge para ela e solicita que auxilie Ulisses em seu retorno. Circe e as Sereias aparecem no Canto IX, a primeira é uma ninfa feiticeira que entorpece seus hóspedes e os transforma em animais, Ulisses consegue escapar de sua magia com a ajuda de Hermes, assim o herói domina a feiticeira, que o ajuda com instruções para ultrapassar alguns obstáculos no caminho, um desses obstáculos são as Sereias, que enfeitiçam com uma bela canção os marinheiros que passam por seu caminho e se entregam para a morte. Ulisses coloca cera de abelha no ouvido dos companheiros para que sigam remando e pede para que eles o amarrem ao mastro para que ouça a canção sem se entregar.

⁷ Adorno; Horkheimer, 2006, p. 50.

há o domínio da racionalidade. Essa unidade é definida a partir da negação de tudo que escapa ao esclarecimento.

Essas criaturas no caminho representam o feminino e o mito, mas sobretudo a natureza, o destino pelo qual Ulisses deve passar e vencer para que possa se formar na consciência de si. De acordo com Martin Jay:

Ao lutar contra a **dominação mítica do destino**, ele foi forçado a negar sua união com o todo. Por necessidade, teve de desenvolver uma racionalidade subjetiva particularista, a fim de garantir a autopreservação. Tal como Robinson Crusoe, ele era um indivíduo atomizado e isolado, vivendo de seus recursos mentais em um meio hostil. Sua racionalidade, portanto, baseou-se na trapaça e na instrumentalidade. Para Horkheimer e Adorno, Ulisses era o protótipo de um modelo dos valores iluministas — o moderno “homem econômico”. [...] Até seu casamento com Penélope envolveu o princípio da troca — a fidelidade e a renúncia da mulher a seus pretendentes durante a ausência de Ulisses, em troca do retorno dele.⁸

Assim, há uma instrumentalidade das relações para que haja a autopreservação do herói e as personagens Circe e Penélope representam o processo de formação do contrato matrimonial que estabelece a continuidade do poder de Ulisses, a primeira representa uma fase anterior, a fase mágica, enquanto a segunda já representa o contrato mais recente, em outras palavras, o contrato firmado com Circe estabelece um controle do herói sobre o poder mágico que perde a centralidade nesse processo de esclarecimento; com Penélope, o contrato representa um poder masculino e racional já estabelecido sobre a mulher. Adorno e Horkheimer afirmam que “A magia desintegra o eu que volta a cair em seu poder e assim se vê rebaixado a uma espécie biológica mais antiga.”⁹, de forma que o herói precisa controlar a feiticeira para não se entregar à sedução da magia e da natureza, isto é, o contrato é essa forma de estabelecimento do controle sobre a feiticeira e da manutenção deste poder no contrato firmado com a mulher.

Esse contrato matrimonial firmado por Ulisses com ambas as mulheres é descrito por Carole Pateman no livro *O contrato sexual*¹⁰, demonstrando a

⁸ Jay, 2008, pp. 329-330..

⁹ Adorno; Horkheimer, 2006, p. 64.

¹⁰ Pateman, 1993.

necessidade fundamental deste contrato para o desenvolvimento do contrato social, ou seja, da afirmação do desenvolvimento civilizacional.

Edward C. Whitmont, em seu livro *Retorno Da Deusa*¹¹, afirma que a fase mágica é representada pelo feminino, por isso, havendo assim uma rejeição a essas figuras, pois a ligação da consciência feminina com o instinto e a dependência das pulsões é enfatizada através da relação com o corpo e com a sensualidade, enquanto que a consciência de si é relacionada ao masculino, necessitando do afastamento dos desejos do corpo e das sedução para se formar. Em vista disso, as características do patriarcado são marcantes neste episódio de Circe ilustrando essas características femininas que devem ser controladas. Adorno e Horkheimer então afirmam,

Aquele que resistiu a ela, o senhor, o eu, e a quem Circe por causa de sua imutabilidade censura por trazer “no peito um coração insensível e obstinado” é aquele a quem Circe se dispõe a fazer as vontades [...] a última hetaira se afirma como o primeiro caráter feminino. Na transição da lenda para a história, ela faz uma contribuição decisiva para a frieza burguesa.¹²

Os autores demonstram que esse caráter feminino é definido a partir da submissão da mulher a um senhor que controla seus poderes e a transforma seu corpo num objeto de prazer e sua sabedoria e poderes mágicos em instrumento para a vitória em sua trajetória. A formação do caráter feminino se dá através do controle masculino, da dominação recorrente do processo de esclarecimento.

Sob essas bases, o desenvolvimento da sociedade organizada é definido através do poder dos homens sobre as mulheres. Neste sentido, Pateman define esse desenvolvimento histórico ocidental como patriarcal.

A liberdade do homem e a sujeição da mulher derivam do contrato original e o sentido da liberdade civil não pode ser compreendido sem a metade perdida da história, que revela como o direito patriarcal dos homens sobre as mulheres é criado pelo contrato. A liberdade civil não é universal – é um atributo masculino e depende do direito patriarcal. [...] O pacto original é tanto um contrato sexual quanto social: é sexual no sentido de patriarcal – isto é, o contrato

¹¹ Whitmont, 1991.

¹² Adorno; Horkheimer, 2006, pp. 65-66.

cria o direito político dos homens sobre as mulheres –, e também sexual no sentido do estabelecimento de um acesso sistemático dos homens aos corpos das mulheres.¹³

Enquanto Penélope aguarda a volta do marido por vinte anos, sofrendo a pressão dos ditos pretendentes para se casar novamente, Circe é controlada e deve satisfazer as vontades de Ulisses. A representação feminina se dá por papéis de submissão e de ligação direta com os homens, ou seja, elas são esposas, mães e filhas. Essa definição dos papéis femininos é descrita por Gayle Rubin como “o tráfico de mulheres”, ou seja, as relações de gênero e sociais são estabelecidas a partir da dominação dos homens sobre as mulheres, de modo que as mulheres participam das trocas simbólicas de poder, mas sendo sempre as intermediárias, os objetos de troca, jamais as portadoras do poder¹⁴.

Sob a perspectiva esclarecida, ocidental e patriarcal, o lugar definido para as mulheres, portanto, é este lugar de intermediação das relações entre dois homens ou dois grupos de homens, estabelecendo o feminino como inferior ao masculino, perpetuando uma lógica de dominação masculina que tem o patriarcado como modelo de sociedade. A cultura patriarcal grega é então perpetuada para o Ocidente.

3. Patriarcado e Capitalismo

Adorno e Horkheimer buscam na *Odisseia* os primeiros passos da construção do pensamento ordenador e dominador que culmina no estágio atual do sistema capitalista no momento da escrita de *Dialética do Esclarecimento*. Buscando seguir o mesmo processo que os autores percorrem, enxergo no livro *Calibã e a bruxa* de Silvia Federici uma possibilidade de leitura análoga sobre o processo de construção do capitalismo pelo viés da necessidade fundamental do controle dos corpos e mentes femininas para que este sistema se estabelecesse.

Nesse processo longo de dominação masculina, o patriarcado se estendeu por milênios. A partir do século XIV há o início da caça às bruxas, que coincide com o

¹³ Pateman, 1993, pp. 16-17.

¹⁴ Rubin, 1993.

desenvolvimento do sistema capitalista que se utiliza do patriarcado para se formar. Essa formação começou a perseguir e assassinar mulheres, pois estas tinham conhecimentos e sabedorias que deveriam ser controlados para que o novo sistema e disciplina econômica e social ocorressem. Federici afirma que, “[...] a discriminação contra as mulheres na sociedade capitalista não é o legado de um mundo pré-moderno, mas sim uma formação do capitalismo, construída sobre diferenças sexuais existentes e reconstruída para cumprir novas funções sociais.”¹⁵

Ou seja, o capitalismo não apenas se apoderou da dominação masculina pré-existente, como criou novas formas de domínio sobre as mulheres.

A caça às bruxas aprofundou a divisão entre mulheres e homens, inculcou nos homens o medo do poder das mulheres e destruiu um universo de práticas, crenças e sujeitos sociais cuja existência era incompatível com a disciplina do trabalho capitalista, redefinindo assim os principais elementos da reprodução social.¹⁶

A caça às bruxas da Idade Moderna se assemelha à fase mágica descrita no episódio de Circe, em que os homens devem temer os poderes mágicos das mulheres, utilizando desse poder para benefício próprio.

[...] a caça às bruxas serviu para privar as mulheres de suas práticas médicas, forçou-as a se submeterem ao controle patriarcal da família nuclear e destruiu um conceito holístico de natureza que, até a Renascença, impunha limites à exploração do corpo feminino.¹⁷

Então, seguindo a linha apresentada tanto por Federici quanto por Adorno e Horkheimer, o advento do capitalismo marca uma nova lógica de dominação e exploração dos corpos e mentes em que se aliena dos seres humanos suas capacidades de desenvolvimento que não sejam voltadas para uma relação de controle e dominação, estrutura essa em que os corpos femininos são fundamentais para a perpetuação de uma relação de dominação pois são imprescindíveis no processo de reprodução social.

¹⁵ Federici, 2017, p. 11.

¹⁶ *Ibid.*, p. 294.

¹⁷ *Ibid.*, p. 39.

Considerações Finais

Levando em consideração tanto o desenvolvimento do patriarcado quanto do capitalismo, a autonomia feminina é uma ameaça a estes sistemas que se estabeleceram a partir do controle e da dominação da natureza e de tudo o que é considerado o outro ou o não-idêntico (como os corpos e as subjetividades femininas) que perpetua o poder masculino que destrói e desumaniza, coisifica e controla tudo que se desloca da identidade masculina.

Este trabalho, então, buscou observar através de Adorno e Horkheimer, como se estabeleceu a lógica de dominação a partir da construção da civilização ocidental, passando pela Idade Moderna, com o advento do capitalismo, e sua perpetuação através dos séculos, culminando na lógica do século XX e chegando ao século XXI como um sistema que segue perpetuando relações de dominação e exploração em que as mulheres, principalmente as mulheres negras, são exploradas para que haja a reprodução da classe trabalhadora, de forma a perpetuar um sistema que reproduz as relações de instrumentalização da natureza e da espécie humana, utilizando-se perversamente do esclarecimento como ferramenta de dominação.

O princípio de identidade, que exclui tudo aquilo que não o representa, é estabelecido no mais alto individualismo, que dissolve as relações coletivas e fragmenta as lutas que vão de encontro à forma com que o capitalismo se estabelece.

As mulheres da *Odisseia* são figuras que, através de Homero, o pedagogo dos povos gregos, ensinam e servem de exemplo para outras mulheres com o objetivo de mantê-las na ordem patriarcal. Essas figuras seguem sendo exemplo através da história da civilização ocidental e ainda têm influência na forma com que as relações de gênero são estabelecidas nos dias atuais.

Referências

ADORNO, T; HORKHEIMER, M. *Dialética do Esclarecimento: fragmentos filosóficos*. Trad. Guido Antonio de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

AGUIAR, N. Perspectivas feministas e o conceito de patriarcado na sociologia clássica e no pensamento sociopolítico brasileiro. In: _____ (Org.). *Gênero e Ciências Humanas: desafio às ciências desde a perspectiva das mulheres*. Rio de Janeiro: Record: Rosa dos Tempos, 1997.

DUARTE, R. *Adorno/Horkheimer: E a dialética do esclarecimento*. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

FEDERICI, S. *Calibã e a bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva*. Trad. Coletivo Sycorax. São Paulo: Elefante, 2017.

_____. *Mulheres e caça às bruxas: da Idade Média aos dias atuais*. Trad. Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2019.

FREITAG, B. *A teoria crítica: ontem e hoje*. São Paulo: Brasiliense, 1988.

GAGNEBIN, J M. Do conceito de *mimesis* no pensamento de Adorno e Benjamin. *Revista Perspectivas*. v. 16. São Paulo, 1993. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/perspectivas/article/view/771/632>. Acesso em: 04 mar. 2022.

HOMERO. *Odisseia*. Trad. Frederico Lourenço. São Paulo: Penguin Companhia, 2019.

JAY, M. *A imaginação dialética: História da Escola de Frankfurt e do Instituto de Pesquisas Sociais (1923-1950)*. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 2008.

LERNER, G. *A criação do patriarcado: história da opressão das mulheres pelos homens*. Trad. Luiza Sellera. São Paulo: Cultrix, 2019.

PATEMAN, C. *O contrato sexual*. Trad. Marta Avancini. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.

RUBIN, G. O tráfico de mulheres. In: _____. *Notas sobre a "Economia Política" do sexo*. Trad. Christine Rufino Dabat. Recife: SOS Corpo, 1993.

SÜSSEKIND, P. O narrador Ulisses. *Cadernos Benjaminianos*. Número especial, Belo Horizonte, 2013. Disponível em: <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/cadernosbenjaminianos/article/view/6055>. Acesso em: 20 mar. 2021.

WHITMONT, E C. *Retorno Da Deusa*. Trad. Maria Sílvia Mourão. São Paulo: Summus, 1991.